



ÊXODO RURAL: PERMANECER NO CAMPO OU MIGRAR PARA AS CIDADES, O DILEMA ENTRE OS JOVENS DA REGIÃO DAS MATAS DE MINAS GERAIS

Autor: Samara Henrique Domiciano

Orientador: Reginaldo Adriano de Souza

Curso: Administração Período: 8º Área de Pesquisa: Administração Rural

Resumo: O atual estudo tem como tema central a permanência e saída de jovens do campo ou comunidades onde vivem, habitantes da região de Manhuaçu. O artigo é baseado em teorias voltadas às práticas de gestão e incentivo da continuação dos trabalhos nas pequenas propriedades dos jovens entrevistados. Como objetivo principal buscou-se descobrir e analisar os principais motivos de permanência ou saída desses jovens das propriedades rurais de seus familiares e sua perspectiva quanto ao desenvolvimento do campo. Para isso, usou-se de entrevista semiestruturada, com um questionário adaptado de outro trabalho voltado ao mesmo tema, sendo a pesquisa qualitativa de caráter descritiva, com análise de dados. Os resultados de tal pesquisa mostrou que os jovens que decidiram permanecer na zona rural, o fez devido à boa qualidade de vida, tranquilidade e desejo de se autodesenvolver na propriedade onde vive. Já aqueles que saíram da zona rural, foram para os centros urbanos em busca de oportunidades de emprego e estudo e porque geralmente, via o trabalho rural como uma atividade sofrida e pouco valorizada. Com isso, conclui-se que os jovens que ainda são moradores da zona rural, em sua maioria não desejam sair, gostam da vida tranquila que o campo lhes oferece, e os jovens que se mudaram do campo, em grande parte, não voltariam a trabalho e sim para residir.

Palavras-chave: Jovem, campo, tranquilidade, comunidade.

1. INTRODUÇÃO

A agricultura familiar e o meio rural como um todo vem sofrendo diversas mudanças e interpretações após a revolução industrial (VIEIRO; SILVEIRA, 2011). Com tal desenvolvimento pós-guerra, surge o que se conhece como revolução verde, um divisor importante entre o passado e integração das famílias rurais ao meio tecnológico, responsável por implantar novas formas de racionalidade produtiva no campo (NAVARRO, 2001). Muito se discute sobre a forma como se vive no campo atualmente, com o desenvolvimento cada vez maior das tecnologias de informação, com o êxodo rural vivido por muitas regiões do país e pela falta de apoio e políticas que sustentam a permanência e desenvolvimento dos pequenos agricultores.

O que pode ser observado atualmente é que o avanço tecnológico vem dando suporte não apenas para as grandes empresas situadas em cidades altamente inovadoras, mas sim em toda a parte do país e do mundo, inclusive na zona rural. Para Zarpelon *et al.* (2015), as tecnologias desenvolvem atividades no campo, ofertando qualidade e oportunidade relacionadas à sustentabilidade, beneficiando e facilitando ações dos jovens que buscam pela ampliação das propriedades no meio rural.

Apesar do grande avanço e desenvolvimento tecnológico e social vivenciado pela população do mundo, ainda assim pequenos proprietários rurais sofrem com algumas dificuldades no meio rural. As políticas públicas que não atendem as necessidades de todos os agricultores e a dificuldade para regularizar as propriedades rurais são alguns dos muitos desafios enfrentados pelos proprietários de pequeno porte, fazendo com que diminua a permanência dos mesmos no campo e a vontade de prosseguir com o empreendimento da família (ARRUDA; ARAÚJO, 2019).

O êxodo rural (migração de pessoas da área rural para centros urbanos) apresenta consequências que afetam toda a população, e o mesmo se dá pela falta de infraestrutura e serviços básicos que sejam suficientes para que as condições de vida sejam dignas no meio rural. Além disso, a falta de tecnologias de produção e modernização que propicie aumento de manufatura, qualidade e renda advindos dos produtos do agronegócio e o preconceito que torna a população rural inferior são motivos para que o êxodo rural aconteça (SILVA; ANTONIAZZI; NOVAK, 2019).

Diante disto, procura-se compreender e analisar os motivos pelos quais os jovens permanecem ou se mudam do campo, as principais implicações e anseios, as perspectivas dos mesmos quanto ao desenvolvimento crescente das propriedades rurais e alto índice de oportunidades para se empreender atualmente nas condições de sucessores das propriedades familiares.

Além disso há uma preocupação em acrescentar e agregar valor às informações acerca da administração rural na região estudada, procurando compreender e descobrir as perspectivas de futuro do jovem agricultor. Como objetivo do atual trabalho, procurou-se descobrir os motivos da permanência ou saída dos jovens do meio rural e o que eles esperam para o futuro das pequenas propriedades rurais que são administradas por seus familiares.

Diante do que foi exposto, o atual artigo foi dividido em introdução, como descrita acima; referencial teórico, onde se expõem falas de diversos autores acerca do tema abordado; metodologia, para se explicar e descrever a forma como foi escrita o texto no geral; discussão dos resultados, parte que demonstra o que foi pesquisado; conclusão e referências utilizadas na pesquisa.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Após a segunda guerra mundial, o cenário global teve influências políticas e ideológicas em seu desenvolvimento e a agricultura foi um dos setores que se beneficiou das tecnologias que sobraram das batalhas para se desenvolver pelo mundo. Foi em 1960 que surgiu o termo Revolução Verde, que basicamente se deu pela junção de aprimoramento tecnológico e sementes biologicamente modificadas. Tal revolução tinha como discurso o aumento na produção de alimentos e consequentemente a diminuição da fome pelo mundo. O agronegócio passou a usar das tecnologias de cultivo, como agrotóxicos e elementos da engenharia genética, o que elevou significativamente a produção e também a degradação ambiental (DUTRA; SOUZA, 2017).

A revolução verde foi mais do que uma simples evolução na tecnologia de produção agrícola, ela se tornou uma estratégia capitalista de desenvolvimento, que tinha como objetivo dar manutenção ao sistema capitalista e conter o comunismo no mundo. O governo militar no Brasil usou da revolução verde para afirmar e compensar o regime, demonstrando que haveria um desenvolvimento no meio rural sem reformar bases. Dessa forma, consolidou-se a revolução verde no país (ALVES, 2013).

Segundo Matos (2010), a modernização da agricultura se deve a revolução verde, este processo serviu de base para que se aprimorasse todas as técnicas e procedimentos rurais. A biotecnologia, uma sucessora da revolução verde, também é responsável pela evolução rural, usando de técnicas da engenharia genética.

No entanto, o que se percebeu foi que toda essa revolução verde não foi capaz de fixar o jovem no campo. Em seus estudos, Breitenbach e Troian (2020) consideram que a desvalorização e falta de incentivos no meio rural, faz com que grande parte dos jovens queiram sair do campo atualmente. Além disso, as incertezas relacionadas às atividades rurais são motivos para a migração do campo para a cidade. Os autores dizem ainda que muitos são os motivos para que o jovem saia do campo, e alguns exemplos são: o tamanho da propriedade da família, dificuldades do trabalho na zona rural, estradas com condições precárias, a não valorização da agricultura familiar, e dificuldades em fazer escoar a produção. O processo sucessório também é um problema para jovens camponeses, e geralmente está associado à falta de diálogo e incentivo por parte dos pais e na dificuldade de ser autônomo financeiramente.

Além do que foi mencionado anteriormente, Breitenbach e Corazza (2017) destacam também, através de seu estudo, que grande parte dos jovens moradores da zona rural percebem o trabalho agrícola como penoso e complicado, não participam ativamente da gestão e atividades operacionais da propriedade e não recebem incentivo para tal, o que desestimulam os mesmos a continuarem ali.

Spanevello *et al.* (2011, p. 302) também relatam tais desafios e dificuldades em seu estudo:

A partir da análise das falas dos pais, conclui-se que a recusa dos filhos em assumir o papel de sucessores passa por diferentes fatores: dificuldades do trabalho no rural, busca de lazer, contato com o urbano, redução do número de filhos por família, falta de abertura dos pais dentro da propriedade para o filho exercer uma atividade autônoma ou independente, busca da autonomia financeira, entre outros. Trata-se de fatores internos e externos às propriedades.

Grando, Magro e Badalotti (2019), apontam que os desafios a serem enfrentados com relação à sucessão familiar no campo podem estar associados aos meios

tecnológicos de produção para os pequenos proprietários, com diversidade e agroecologia, e que estimulem de certa forma a permanência do jovem na zona rural. Além disso, relata que políticas públicas, quando aplicadas de forma indevida e desigual, desestimula ainda mais a continuidade das tarefas familiares no campo para jovens.

Outro aspecto observado em pesquisas acerca do tema, é o fato de que o jovem habitante da zona rural vê dificuldades em se deslocar para a cidade em busca de estudo e trabalho, é nítido o descontentamento dos mesmos quando se pensa na falta de afazeres nos fins de semana que estão ligados à diversão. O que se percebe ainda, é que tais jovens são os que possuem dificuldades financeiras e que suas famílias são possuidoras de propriedades pequenas (TROIAN; DALCIN; OLIVEIRA, 2011).

O jovem é considerado hoje como uma classe social privilegiada, mas isso acontece apenas na teoria. No meio rural, ser jovem é carregar consigo problemas antigos, principalmente relacionados a hierarquia familiar, e aqui percebe-se que na prática, não se encontram como responsáveis e gestores das terras, sendo considerados pelos pais como pessoas que ainda não estão preparadas para assumir uma propriedade e uma família. Devido a isso, a falta de diálogo e escuta do jovem é refletida pela falta de seriedade que os pais encaram tais filhos, o que também dificulta a permanência dos mesmos no campo (CASTRO, 2009).

As políticas públicas de difícil acesso também são motivos pelos quais os jovens saem da zona rural. Muitas dessas políticas favorecem apenas alguns grupos de proprietários, nem todos recebem o mesmo tratamento e os mesmos benefícios, o que diminui a permanência de algumas famílias no campo. Outro ponto a ser pensado é o fato de que há falta de regularização de todas as propriedades, sem a documentação necessária algumas famílias não conseguem acesso a créditos rurais (ARRUDA; ARAÚJO, 2019).

A população rural se tornou desprotegida com relação às políticas públicas desde o início da agricultura familiar, não se tem incentivo para se produzir e não são assistidas de programas que beneficiem pequenos produtores, além da invisibilidade que o jovem tem diante dos gestores públicos. Devido a isso, grande número de jovens sai do campo em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos (FARIAS; DAVID; MELO, 2015).

Na mesma perspectiva, Rabello, Oliveira e Feliciano (2014) afirmam que os jovens são os mais prejudicados em relação a falta de perspectiva da reforma agrária e políticas públicas desenvolvidas para o meio rural. A lentidão e falta de apoio das mesmas levam várias famílias, e principalmente os jovens, a migrarem do campo.

O que se observa é que um conjunto de muitos fatores e motivações levam as famílias e principalmente jovens a praticarem o êxodo rural (HEIN; SILVA, 2019).

No que se refere ao êxodo rural feminino, os principais motivos causadores de tal processo são: a falta de oportunidade no mercado de trabalho na área rural, falta de acesso à educação, e o fato de verem a migração para as cidades como uma oportunidade de moradia, trabalho e estudo (FARIA; FERREIRA; PAULA, 2019).

As consequências do êxodo rural afetam não só o campo, mas também a cidade, e deve ser analisada e cuidadosamente pensada pelas instituições públicas. A falta de infraestrutura e serviços básicos que garantam a qualidade de vida dos habitantes, a precariedade das tecnologias e modernização na forma de produzir que geram o aumento da produção e renda das famílias rurais e o preconceito ainda existente com tais famílias, são alguns dos motivos da migração de pessoas da zona rural para a zona urbana (SILVA; ANTONIAZZI; NOVAK, 2019).

Embora o êxodo rural tenha sido uma realidade no Brasil percebe-se nos últimos anos que esse cenário tenha se modificado e alguns jovens tem repensado tal prática. Segundo Camarano e Abramovay (1999), o estudo do êxodo rural se torna interessante quando se observa que o meio rural apresenta um grande potencial econômico que muitas vezes está associado ao meio urbano que o circunda. Ao contrário do que se fala do êxodo rural, a saída dos jovens do campo aponta que cada vez mais surgem oportunidades de interação entre o campo e as cidades, há abertura para isso. Os autores dizem ainda que é notório o envelhecimento e masculinização rural, grande parte dos migrantes do campo são jovens e mulheres.

Tiherro, Dalcin e Anes (2022), sustentam tais observações em seus estudos, relatando que o campo e a cidade estão cada vez mais interrelacionados, e os jovens estão buscando por uma relação saudável entre ambos os ambientes. Apesar dessa aproximação, o êxodo rural advindos dos jovens ainda é preocupante, pois resulta em uma população rural masculina e envelhecida, sendo a saída do campo mais praticada por mulheres.

No que se refere a tecnologia no campo é importante destacar que as propriedades adeptas a revolução e investimentos tecnológicos se sobressaem e aproveitam melhor toda forma de produção dentro das mesmas. Além do que foi descrito, a tecnologia rural é aliada à sustentabilidade e melhoria na qualidade de vida, o que evita a evasão de grande parte da população para áreas urbanas (NUNES *et al.*, 2018).

Cavalheiro (2018, p. 12) destaca em sua pesquisa:

As fronteiras entre tecnologia e agronegócio tornaram-se mais próximo um do outro. O conhecimento deixou de ser privilégio e tornou-se fator de desenvolvimento da agricultura. Nesse contexto, a tecnologia da informação representa um canal privilegiado para o acesso à informação, fonte de conhecimento e uma possibilidade de equalização de oportunidades para todos os segmentos do agronegócio. Sendo assim, a difusão de tecnologias, tanto a TI quanto a TIC (especialmente a Internet), tornou-se uma necessidade para o agronegócio, buscando atender à demanda por informações e constantes atualizações.

As tecnologias de informação proporcionam qualidade e oportunidade, através de produtos e meios que agreguem valor no conceito de sustentabilidade e desenvolvimento no campo, além de facilitar as ações dos jovens por meio das tecnologias que estão sendo usadas nas propriedades rurais. Tudo isso proporciona o crescimento das fazendas por meio da automatização e uso de tecnologias de baixo custo, possibilitando a interação e qualificação de quem as usa (ZARPELON *et al.*, 2015).

Salerno (2021) afirma que a agricultura moderna trouxe consigo um nível alto de dependência atrelado à modernização das práticas rurais e uso das tecnologias, que mecanizam cada vez mais as propriedades rurais.

Em estudos sobre a temática de permanência do jovem no campo, Buczenko e Rosa (2018) ressaltam que a educação na área rural é base para se estabelecer uma cultura onde o campo é valorizado, tanto pelas pessoas como um todo quanto pelo governo, que passa a enxergar de outra forma os benefícios de uma educação voltada para o campo. Com isso, a permanência do jovem na zona rural também ganha proporções maiores.

A permanência ou saída dos jovens das propriedades rurais agora se dá por escolha, e não mais por necessidade, pois as condições de vida no campo melhoraram

significativamente nos últimos anos, e a formação acadêmica de jovens, principalmente voltadas para as áreas agrícolas, estimulam os mesmos a permanecerem no campo (OLIVEIRA; MENDES; VASCONCELOS, 2020).

Para que tais indivíduos se sintam preparados e confiantes para permanecer no campo é necessário que os atores acreditem em si mesmos, e isso é de certa forma, motivado pela ajuda da família, com o apoio da mesma e incentivos que faz com os jovens permaneçam nas propriedades. Além disso a modernidade e a ação empreendedora cada vez mais presente no campo faz com que proprietários mais jovens tenham tempo e dinâmica para conciliarem atividades nas lavouras com outras, o que torna a propriedade mais moderna e organizada, e ao mesmo tempo sem necessidade de total envolvimento de quem a gerencie (PANNO; MACHADO, 2014).

3. METODOLOGIA

Afim de analisar e compreender os motivos pelos quais os jovens saem ou permanecem no campo, usou-se de abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizando-se de análise de conteúdo.

Segundo o autor Gil (2002), a pesquisa descritiva é aquela que descreve as características de uma população ou fenômeno que se deseja estudar. Ela usa de métodos padronizados para se coletar os dados, como por exemplo questionário, entrevistas e observação sistemática. Esse tipo de análise junto da pesquisa exploratória geralmente são as mais usadas para se fazer levantamentos, identificação de relações entre variáveis, como por exemplo em pesquisas eleitorais e solicitação de trabalhos acadêmicos.

A metodologia apresentada busca descrever as razões de continuar no campo ou sair dele em busca de oportunidades nas cidades no âmbito da juventude através da técnica de levantamento, que basicamente se dá por questionamentos, sendo estes respondidos de forma escrita ou oral, presencialmente com um entrevistador para guardar as respostas (FLICK, 2013). Aqui se fez uma análise, usando de autores que abordam temas voltados à permanência e saída da juventude do campo, através de estudos e descobertas sobre as consequências do êxodo rural e os reais motivos do mesmo.

Usou-se de entrevistas semiestruturadas para se colher dados, com 09 jovens que escolheram ficar no campo, e outros 08 que escolheram sair para buscar oportunidades de emprego nos centros urbanos, na microrregião de Manhuaçu, onde a unidade de análise se deu por acessibilidade. A entrevista semiestruturada é guiada por perguntas que dão base ao processo de descoberta de dados e análise dos mesmos dentro da pesquisa. Aqui são preparadas várias perguntas que podem ser usadas e desviadas por outros questionamentos no momento em que se faz a entrevista, não sendo preciso se prender à forma inicial do questionário. Seu objetivo principal é obter respostas e descobertas individuais dos entrevistados acerca de um tema, sendo construído um diálogo entre quem faz a entrevista e quem está sendo entrevistado. Deste modo, espera-se que a forma como o entrevistado responda seja livre e espontânea, sendo possível analisar a fundo sobre o tema pesquisado. Com esse tipo de entrevista é possível que o entrevistador sonde mais acerca do que é pesquisado caso a resposta do entrevistado não seja suficiente e clara (FLICK, 2013).

O roteiro de entrevista usado para se obter respostas que atendam ao objetivo do trabalho, foi adaptado da obra de Novakoski (2021), que apresenta relação ao tema deste atual trabalho.

Quanto ao critério de análise, a pesquisa qualitativa tem como foco analisar o processo e seu significado, o ambiente é a fonte direta para se colher os dados e analisa-los simultaneamente. O pesquisador e o ambiente estudado têm ligação direta, onde é necessário que se faça um estudo mais intenso em campo. Os dados geralmente são descritivos, e há uma preocupação maior no processo e não com o produto em si. Além disso, a abordagem qualitativa não utiliza dados estatísticos no centro de sua análise de problema, não tendo a prioridade de medição e numeração de unidades (PRODANOV, 2013).

No que se refere a análise de conteúdo, são usadas categorias derivadas de teorias, onde se busca classificar conteúdos dos textos estudados e analisar dados da pesquisa. Primeiro se define o que vai ser usado na pesquisa para se responder ao problema, depois analisa-se a situação da coleta de dados. Logo em seguida se caracteriza o material e define a direção do que se quer interpretar dos textos. Usa-se de teorias para se analisar o tema através de pesquisas anteriores e que seja clara e objetiva. Feito isso a técnica analítica precisa ser escolhida e definir as unidades. Por fim, as análises feitas precisam ser interpretadas e comparadas ao resultado final da pesquisa para se buscar respostas acerca do que foi definido como objetivo (FLICK, 2013).

Quanto à saturação de respostas, no momento em que se observa a repetitividade de informações, cessa-se a pesquisa e busca por analisar cada uma delas e identificar os pontos cruciais para se responder o problema de pesquisa citado anteriormente.

4.DISSCUSSÃO DE RESULTADOS

Com o intuito de analisar e descrever as perspectivas do jovem quanto à vida no campo e entender as motivações pelas quais os mesmos permanecem ou se mudam da zona rural, usou-se de duas entrevistas com 17 moradores da região de Manhauçu, com idades entre 18 e 30 anos, a saber 09 que permaneceram na zona rural e 08 que optaram por deixar o campo e viver na área urbana.

O roteiro de entrevista, baseado na obra de Novakoski (2021), objetivou entender quais são as principais atividades praticadas pelos jovens que permaneceram no campo, os motivos que os fizeram permanecer no mesmo, suas perspectivas quanto a educação e oportunidades na zona rural, bem como a visão quanto às políticas públicas voltadas ao incentivo das práticas da gestão rural. Além disso, foi desenvolvido outra entrevista voltada aos jovens que decidiram sair da zona rural, seja em busca de melhores condições de vida ou pelas oportunidades que tiveram para estudar e trabalhar.

Com relação aos jovens que permaneceram na zona rural, dos 09 entrevistados 06 do sexo masculino e 03 do sexo feminino, com idades entre 18 e 30 anos. Dentre os entrevistados 06 concluíram o ensino médio, 01 concluiu apenas o ensino fundamental, 01 está cursando ensino médio e 01 é graduado em curso técnico. Ainda nesta perspectiva, dois dos entrevistados estão se graduando através de cursos técnicos, um voltado para a área da cafeicultura, e outro da tecnologia de informação. A renda mensal das famílias dos jovens entrevistados varia entre um e nove salários mínimos, sendo esse número uma aproximação do que foi relatado. Quanto à profissão desses jovens, 5 são agricultores/lavradores, 1 é estudante, 1 auxiliar administrativo em uma fazenda próximo a sua moradia, 1 é esteticista, e 1 sem profissão no atual momento.

A principal fonte de renda das famílias dos jovens deste grupo de pesquisa é a cafeicultura, tendo como rendas secundárias o gado, comércio de leite e derivados, e

os serviços prestados a outras pessoas da comunidade onde vivem. Por ser uma região onde o café tem destaque em produção e qualidade, não surpreende o fato de que o principal produto e atividade geradora de renda dessas famílias seja o cultivo e comércio do café. Um dos entrevistados relatou que além da venda do café como commodities, fazem também a venda do café em grão torrado e moído, e prestam serviço de torrefação para os vizinhos e diversas pessoas de toda a região. Um caso que se destaca aqui é uma jovem entrevistada que possui seu próprio estabelecimento de estética na zona rural. Segundo relatos, para ela, viver na zona rural e ter seu próprio negócio valoriza a comunidade e traz comodidade e praticidade para mulheres e homens que são seus clientes atualmente, além de “ser um incentivo a outras pessoas, especialmente mulheres jovens da zona rural que tem vontade de investir e permanecer no campo”.

Quando questionados sobre os motivos que os fizeram permanecer no campo o que mais foi citado é o fato de se viver uma vida tranquila e harmoniosa no lugar onde residem. Um dos entrevistados relatou que: “Gosto do trabalho na roça, a liberdade aqui é maior, e temos uma renda até agradável, além de ser tranquilo e calmo, temos uma qualidade de vida melhor aqui”. O que se percebe é que há um sentimento de pertencimento e carinho pelo lugar onde vivem, todos citaram de forma implícita ou explícita que se sentem satisfeitos em morar no campo, em trabalhar e buscar por melhorias para as propriedades e para a própria comunidade. Além disso constatou-se nas falas dos entrevistados que o investimento na zona rural é de menor custo, tanto para se viver quanto para trabalhar, além de ser uma forma de valorizar a comunidade e as pessoas que ali residem.

Outro ponto que foi questionado através da entrevista, foi a visão que cada jovem possui com relação ao emprego e trabalho rural. A maior parte dos entrevistados concordam que o trabalho na zona rural está em crescimento, e que muitas oportunidades surgiram após a modernização e implementação de tecnologias no cultivo e beneficiamento dos grãos que são produzidos ali. Nunes *et al.*, 2018 teve tal percepção ao concluir que as propriedades que fazem uso de tecnologias de produção se sobressaem e agregam valor a sua produção. Outros, porém relatam a dificuldade em conseguir mão de obra para trabalho nas lavouras. Na fala de um dos jovens fica claro esse fator: “O agronegócio está em crescimento, e hoje uma das maiores dificuldades é em relação a falta de mão de obra.”

Quando questionados sobre a possibilidade de se cursar o ensino superior, mesmo residindo na zona rural, todos concordaram que é possível ser graduado e ainda viver no campo, mesmo com as dificuldades. Os relatos demonstram com clareza esta realidade: “Sim, eu acho possível, porque tudo é questão de esforço, o tempo fica meio corrido por conta do trabalho, mas acredito que quem realmente quer uma coisa e se esforça consegue chegar ao seu objetivo”. Outro relatou que: “É possível sim, basta ter um esforço e procurar formas para se ganhar bolsas e descontos, porque não fica barato no mês, ainda mais por depender de transporte”. Um ponto citado nessa parte do questionário, foi a viabilidade que a internet e a tecnologia trouxeram para jovens do meio rural, as chances para se estudar e trabalhar até mesmo de casa são maiores, o ensino a distância facilita e motiva jovens de toda região a fazerem uma graduação. Há também a questão do transporte, que atualmente atende desde as pequenas comunidades até grandes centros urbanos, a mobilidade aumentou junto com o desenvolvimento das tecnologias e do mundo, o que comprova a fala de Camarano e Abramovay (1999) ao dizerem que cada vez mais o campo está se relacionando de forma positiva com a cidade.

Além do que foi citado anteriormente, buscou-se conhecer o interesse que tais jovens tem em fazer uma graduação, e apenas 3 desses não pretendem no momento. Dos que disseram almejar por uma futura graduação, grande parte relata que gostaria de cursar algo que esteja voltado para o campo, como agronomia ou veterinária, buscando agregar valor no que já fazem no meio rural e para ajudar familiares e a própria comunidade.

Com relação à visão que possuem quanto aos incentivos das políticas públicas e do próprio município para que aconteça a permanência e inserção do jovem no campo, 05 dos jovens entrevistados disseram não enxergar ajuda por parte do governo e dos políticos com relação a valorização e motivação para o âmbito educacional e valorativo no campo. Tais relatos justificam o que foi citado anteriormente pelos autores Rabello, Oliveira e Feliciano (2014) onde afirmam que os jovens tendem a ser os mais prejudicados com relação a falta de incentivos por parte do governo, e que há poucas políticas que asseguram a dignidade dos moradores da zona rural. Foi citado no momento das entrevistas, que é preciso promover políticas de incentivo aos jovens do campo no que se refere a educação e empreendedorismo, o governo deveria propor mais interação entre as instituições de ensino e financeiras com o agricultor e com a juventude rural, seja através de cursos voltados a agricultura ou por meio de eventos culturais e concursos regionais de agricultura. Por outro lado, 04 entrevistados disseram que há incentivos, seja eles por meio de cursos de formação técnica levados para a região ou até mesmo por propostas de financiamentos nas instituições bancárias que buscam dar alicerce ao produtor rural.

Para finalizar, fez-se um questionamento acerca da pretensão que os entrevistados têm em sair do campo ou da comunidade onde vivem, apenas 02 dos jovens disseram ter vontade de sair do campo, se tiverem oportunidades de trabalho que no momento almejam em suas carreiras. Os outros 7 relataram que não possuem o desejo de sair das comunidades, especialmente por já se sentirem estabilizados nas propriedades familiares e por terem boas condições de vida e tranquilidade.

A entrevista realizada com o segundo grupo, dos jovens que decidiram sair da zona rural foi respondida por 8 entrevistados, onde 6 são do sexo masculino e apenas 2 do sexo feminino. A idade desses jovens varia também entre 18 e 30 anos, e a escolaridade dos mesmos se resume a grande parte de graduandos (5 entrevistados), 2 que possuem o ensino médio completo, e 1 graduado em bacharel em administração.

Quando questionados sobre a principal fonte de renda dos familiares que vivem no campo, ou onde moram atualmente, 07 responderam que se trata da cafeicultura e trabalhos braçais, sendo apenas uma resposta voltada para outro tipo de fonte de renda. A renda mensal familiar dos mesmos teve uma variação entre 3 e 6 salários mínimos.

Com relação a profissão que tinham antes de sair do campo, todos responderam que estava ligado às atividades rurais, dentre as respostas encontra-se tratorista, agricultor, lavrador, e no caso de uma das entrevistadas, dona de casa, a mesma relatou que trabalhava com artesanato, para ter uma renda extra.

Outra questão abordada na entrevista é o que levou esses jovens a migrarem para a zona urbana, ou seja, o motivo de terem saído das comunidades onde nasceram. Entre o que foi citado pelos entrevistados encontra-se os seguintes argumentos: saíram em busca de melhor qualidade de vida, lazer, oportunidade de crescimento profissional, busca por estabilidade financeira e renda fixa, oportunidade de emprego, estudos, e o fato de que o trabalho rural é pesado e cansativo. Na fala de um dos entrevistados pode-se perceber tal realidade: "Saí porque a vida no campo é pesada, sofrida demais, e queria um futuro melhor pra mim e pra minha família, e pra ser independente e

conseguir isso precisava sair, dependia do meu pai e acabava que o salário era insuficiente”, o que é comprovado na fala de Breitenbach e Corazza (2017), que relatam o quanto os jovens do campo percebem as atividades rurais como penosas e difíceis. Na fala de uma das jovens que foi entrevistada percebe-se também a necessidade que alguns jovens tem em se mudar da zona rural: “Meus pais sempre me incentivarem a fazer uma graduação, e como nunca fui de trabalhar na roça, saí de casa para estudar, trabalhava apenas com artesanato, que não é tão valorizado onde morava, e por isso minha fonte de renda acabava sendo pouca”. Além disso foi citado que se trata de escolhas, “sair do campo pode ser uma forma de se encontrar em outros meios, já que o trabalho braçal é tão pesado, principalmente para mulheres”.

A visão que esses jovens têm atualmente sobre o trabalho ou emprego rural teve variações entre perspectivas boas e ruins, por exemplo, alguns relataram que o emprego rural é muito desvalorizado, não se tem apoio necessário, além de se tratar de serviços pesados e cansativos: “As coisas melhoraram muito na zona rural quando a tecnologia passou a fazer parte do dia-a-dia dos agricultores, facilitou muito a mão de obra que antes era totalmente braçal, além de agilizar o processo”. “Porém, ainda há muita desvalorização com relação aos empregados e pequenos proprietários, falta incentivo e ajuda por parte do governo”. Breitenbach e Troian (2020) em seu estudo, mencionam que a falta de apoio e ajuda através de políticas públicas desestimulam o jovem a permanecer nas comunidades, o que fica evidente na fala do jovem entrevistado anteriormente. Por outro lado, alguns jovens relatam que o serviço rural apresenta boas oportunidades de crescimento, a tecnologia rural veio para trazer inovação, facilidade, praticidade e conciliação entre campo e cidade. Um dos entrevistados relatou que: “Quando saí era muito desvalorizado o trabalho rural, hoje se tivesse que decidir, não sairia, com as inovações rurais daria para conciliar a carreira profissional no campo mesmo”, o que confirma a fala de Panno e Machado (2014) ao dizerem que as tecnologias trouxeram comodidade e meios que proporcionam a conciliação de atividades do campo com outras sem estar totalmente presente. “A visão que eu tenho hoje do campo é contrária do que quando eu fui morar na cidade, hoje eu vejo com mais oportunidade devido as entradas de tecnologias no campo”. Além do que foi citado, relatou-se que para algumas pessoas o trabalho rural é satisfatório, entende-se como um meio de distração e bem estar, principalmente pela facilidade e agregação de valor que as redes sociais e meios de comunicação trouxe para o campo.

Ao serem questionados sobre a inserção do jovem morador da zona rural na graduação, alguns relatam que há sim incentivo para que se busquem conhecimento e oportunidades de graduação nas cidades, principalmente quando se refere às pessoas do sexo feminino. “Em relação ao incentivo da comunidade, vejo um apelo maior voltado às mulheres, para que sigam outros caminhos, já que o serviço de roça é tão pesado e cansativo”. Ressaltou ainda que “para os homens vejo um incentivo também, mais voltado para o campo mesmo, fazer alguma graduação voltada para a área, por exemplo um curso técnico ou faculdade de agronomia”. E quanto ao município, “também há incentivo, por exemplo, a prefeitura oferece transporte gratuito que levam às universidades, parece pouco, mas já é algo considerável”. Percebe-se também, por parte dos entrevistados, o incentivo da família e de amigos próximos na comunidade, é o que umas das entrevistadas afirmou: “Eu vejo incentivo dos pais, familiares próximos e amigos da comunidade, porém não há incentivo para que os jovens permaneçam ali, usando de seus estudos para investir em algo que irá agregar valor e ajudar a própria comunidade”.

Outro ponto relevante que foi abordado na pesquisa se refere às ações que deveriam ser desenvolvidas para melhorar a qualidade de vida de jovens do campo, e

políticas que incentivem e apoiem tais indivíduos no meio em que vivem. Dentre as respostas se destaca medidas adotadas pelo governo que, de uma certa forma, apoie e valorize o trabalho rural, principalmente para pequenos proprietários. Dentre essas ações se destaca a oportunidade que devam ter em participar de projetos, cursos e graduações gratuitas voltadas para temas relacionados ao campo; incentivo do município local com palestras e parcerias com empresas rurais que de uma certa forma incentive e desperte nos jovens o desejo de se empreender na zona rural; criação de mais cursos técnicos e graduações na região que instiguem o jovem a aprimorar seus conhecimentos levando oportunidades e apoio aos familiares que ainda vivem no campo. Uma das entrevistadas em sua fala demonstrou tudo o que foi falado de forma sucinta: “é preciso que sejam criados programas que incentivem o comércio de alimentos da agricultura familiar, cursos técnicos que sejam voltados a gestão de propriedades rurais, mais concursos voltados à agricultura e cafeicultura, apoio maior das cooperativas de crédito da região”.

Para finalizar foram questionados sobre sua pretensão de voltar para o campo após se formarem, e grande parte dos entrevistados declararam que voltariam para residir, e não mais para trabalhar. Há destaque aqui com relação às boas condições de vida que o campo traz, sinônimo de paz e tranquilidade. “Se eu tivesse melhores condições naquela época, provavelmente teria ficado por lá, sempre foi um ambiente que gostava muito, e me identificava”, ressaltou ainda que “além de ser calmo e que quando estava lá me sentia cansado só fisicamente. Na cidade o cansaço é mental, o que é pior, por isso pretendo voltar um dia”, diz um dos jovens no momento da entrevista. Uma das jovens também diz que seu desejo é voltar para a zona rural num futuro próximo: “Por enquanto não pretendo, mas futuramente, após me realizar profissionalmente, quero voltar a morar no campo”.

5. CONCLUSÃO

O atual trabalho buscou como principal objetivo, analisar e descobrir os principais motivos que jovens do meio rural possuem para permanecer ou sair do mesmo. Para se atingir tal meta, usou-se de entrevistas semiestruturadas com um total de 17 jovens com idades entre 18 e 30 anos.

No que se refere aos jovens que permaneceram na zona rural, e optaram por viver nas comunidades, todos concordam que hoje em dia é possível ter acesso à educação e se buscar por oportunidades de se graduar no momento atual. Nem todos pretendem passar por uma formação, porém concordam que é necessário e útil o aprendizado e ensino para agregar valor nos serviços da zona rural, o que é evidenciado pelos autores Buczenko e Rosa (2018) ao refletirem sobre como a educação gera valor e oportunidades de melhores condições de vida para jovens do campo. Além disso foi citado que a evolução tecnológica facilitou o acesso ao ensino e trouxe muitas oportunidades para jovens do meio rural, o que eleva o número de jovens graduados no campo.

Quanto aos motivos pelos quais decidiram ficar no campo, há destaque no fato de que a vida nas comunidades rurais é mais tranquila e calma, o serviço é pesado, há dificuldades a se enfrentar, porém a tranquilidade e conforto de viver ali compensa todos os esforços. Outro motivo é com relação ao custo de vida, no âmbito rural o valor para se viver é menor que nos centros urbanos. No momento da entrevista um dos entrevistados relatou que há meios de se plantar grande parte dos alimentos que consome, a troca de mão de obra entre os pequenos produtores e o próprio trabalho familiar ajudam na economia das famílias e reduzem significativamente o custo de se

viver. Outro ponto relatado demonstra que há uma vontade por parte desses jovens de inspirar e motivar outras pessoas a permanecerem no campo. O que se observa é que estão buscando investir e empreender onde vivem para que a comunidade seja reconhecida e vista com bons olhos. Um exemplo disso é uma das entrevistadas que construiu seu próprio salão de estética onde mora. Segundo ela, foi uma forma que encontrou de ajudar a família com as despesas e até mesmo uma forma de agregar valor na comunidade em que vive. É interessante se observar que tal empreendimento facilita a vida dos clientes que vivem próximos ao estabelecimento e até mesmo de muitas outras pessoas da região.

De acordo com a maior parte dos jovens entrevistados, que decidiram ficar na zona rural, as políticas públicas não incentivam de forma precisa os moradores da zona rural, especialmente os pequenos agricultores, convergindo assim com o que os autores Farias, David e Melo (2015) relatam ao dizer que políticas do governo não apoiam e nem incentivam o pequeno proprietário. Para os jovens aqui entrevistados, é preciso que se invista mais na educação de moradores da zona rural, buscando agregar valor aos produtos e serviços prestados na comunidade, além de diminuir a taxa de êxodo rural no atual momento. Aqueles que relataram que há incentivo por parte do município disseram que o número de cursos voltados aos conhecimentos rurais teve aumento nos últimos anos na região onde vivem, além de propostas e recursos financeiros das cooperativas de crédito que de uma certa forma dão apoio aos pequenos e médios produtores rurais.

Para os jovens que decidiram sair da zona rural, se destacou-se o fato de que todos tiveram oportunidade para estudar fora ou para trabalhar em organizações dentro das cidades da região. Além disso buscavam por lazer, oportunidades de melhores condições de vida e carreira profissional, já que há alguns anos atrás a vida no campo se encontrava ainda precária. Spanevello *et al.* (2011), relataram alguns pontos que aqui foram citados pelos entrevistados da região de Manhuaçu, como por exemplo a busca por uma vida melhor. Ao se questionar sobre suas profissões antes de saírem do campo, todos relataram que praticavam atividades voltadas ao plantio e cuidado de lavouras, além de trabalho doméstico no caso das entrevistadas. A visão que estes jovens têm do campo, atualmente, está muito voltado ao desenvolvimento e superação de algumas dificuldades que antes era vivenciado na zona rural. A tecnologia de informação veio para melhorar as condições de vida dos proprietários rurais, e para facilitar a execução de tarefas pesadas no campo, o que comprova a fala de Nunes *et al.* (2018), citado anteriormente. Alguns dos entrevistados relataram que o trabalho rural é pouco valorizado, e que se trata de um serviço complicado e árduo.

Com relação à percepção quanto aos incentivos que são dados aos jovens para que os mesmos se graduem sem necessidade de se migrar para cidades, grande parte dos entrevistados percebem incentivos do município, como por exemplo transporte gratuito que leva do campo para a cidade às universidades de ensino. Com relação ao incentivo dos pais e familiares, e até mesmo da comunidade, há uma tendência a motivar mulheres a buscarem por ensino nas cidades, e homens a procurarem por uma graduação voltada a algo que esteja relacionado ao campo, com esperanças de que num futuro próximo tais jovens voltem para o campo para aplicarem os conhecimentos adquiridos.

No que se refere a ações que deveriam ser desenvolvidas para incentivo e apoio dos jovens do campo, os entrevistados julgaram como importante meio de motivação políticas públicas voltadas ao desenvolvimento de medidas que levam o trabalho dos pequenos proprietários aos concursos regionais e municipais. Esses projetos podem elevar a vontade de participação dos jovens e seus familiares por buscarem

reconhecimento e valorização de seu serviço ou produto. Outro fato citado aqui, é a ajuda que as instituições bancárias podem oferecer aos pequenos produtores da região, buscando por meios de incentivar e facilitar tratativas de crédito rural a essas famílias.

Diante de tudo que foi abordado até aqui, o que se observa é que os jovens que decidiram permanecer no campo não desejam sair, a calma e tranquilidade que possuem faz com que haja motivação em ficar na comunidade onde vivem. Grande parte desses jovens concordam que as condições de vida no campo melhoraram com os avanços tecnológicos, e que conseguem sobreviver tranquilamente com a renda que possuem nas propriedades de seus familiares, além de perceberem que a relação campo e cidade facilita muito suas atividades e deslocamento atualmente, o que confirma a fala de Tiherrro, Dalcin e Anes (2022). Já aqueles que buscaram por oportunidades nos centros urbanos, há uma tendência em permanecerem ali por um tempo, já que a adaptação nas cidades já aconteceu. Um fato interessante a se observar é que alguns dos entrevistados relataram que desejam voltar a morar no campo, porém, apenas para moradia, já que o processo de ligação entre campo e cidade aumentou significativamente nas últimas décadas.

Sugestiona-se que novos trabalhos sejam realizados nessa temática, ampliando o número de entrevistas e para que se possa aprofundar nas discussões do êxito rural e até mesmo propor ações a serem desenvolvidas pelos gestores públicos da região como forma de valorizar o homem no campo e propiciar um crescimento do agronegócio, e conseqüentemente a região como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. T. et al. **A revolução verde na mesorregião noroeste do RS (1930-1970)**. 2013. Disponível em: http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/163/1/2013Clovis_Tadeu_Alves.pdf. Acesso em: 02 out. 2022.

ARRUDA, R. V.; ARAÚJO, V. A agricultura familiar e as causas que geram o êxodo rural. **Enciclopédia Biosfera**, v. 16, n. 29, 2019. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2019a/agrar/a%20agricultura%20familiar.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.

BREITENBACH, R.; CORAZZA, G. Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. **Revista Espacios**, v. 38, n. 29, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n29/a17v38n29p09.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

BREITENBACH, R.; TROIAN, A. Permanência e sucessão no meio rural: o caso dos jovens de Santana do Livramento/RS. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 56, n. 1, p. 26-37, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/938/93868385003/93868385003.pdf>. Acesso em: 04 out. 2022.

BUCZENKO, G. L.; ROSA, M. A. A permanência do jovem no campo: contribuições da educação do/no campo. **Revista Ensaios Pedagógicos**, v. 8, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/v8/v8-artigo-1-A-PERMANENCIA-DO-JOVEM-NO-CAMPO.pdf>. Acesso em: 19 set. 2022.

CAMARANO, A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2651/1/td_0621.pdf. Acesso em: 19 set. 2022.

CASTRO, E. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista latinoamericana de ciências Sociais, Niñez y juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008. Acesso em: 11 out. 2022.

CAVALHEIRO, D. S. et al. **A tecnologia da informação no agronegócio: uma revisão bibliográfica**. XVIII Mostra de Iniciação Científica, Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Pelayo-Olea/publication/331053438_A_Tecnologia_da_Informacao_no_Agronegocio_uma_Revisao_Bibliografica/links/5c69c0eb299bf1e3a5af0200/A-Tecnologia-da-Informacao-no-Agronegocio-uma-Revisao-Bibliografica.pdf. Acesso em: 12 out. 2022.

DUTRA, R. M. S.; SOUZA, M. M. O. **Cerrado, revolução verde e evolução do consumo de agrotóxicos**. Brazilian savanna, green Revolution and Evolution of pesticides consupition, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/TBHXkV4MshvP3Sd4K7tJ5mG/?lang=pt>. Acesso em 30 set. 2022.

FARIA, G. J. A.; FERREIRA, M. Da L. A.; PAULA, A. M. N. R. Êxodo Rural Feminino: Gênero, Ruralidades e as Razões e Consequências da Migração da Juventude Rural Feminina. **Revista Grifos**, v. 28, n. 47, p. 98-120, 2019. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/issue/view/277>. Acesso em: 04 out. 2022.

FARIAS, L.; DAVID, M.; MELO, V. **Êxodo rural do jovem no estado da Bahia**. 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/61/%C3%8Axodo%20Rural%20do%20Jovem%20no%20Estado%20da%20Bahia.PDF?sequence=1>. Acesso em: 12 out. 2022.

FLICK, U. **Introdução a metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRANDO, A. P.; DAL MAGRO, M. L. P.; BADALOTTI, R. M. Políticas públicas na promoção da sucessão familiar no meio rural: avaliação das organizações sociais do oeste catarinense. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 16, n. 2, p. 139-160, 2019. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/article/view/1220>. Acesso em: 04 out. 2022.

HEIN, A. F.; SILVA, N. L. S. A insustentabilidade na agricultura familiar e o êxodo rural contemporâneo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 27, n. 2, p. 394-417, 2019.

Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/5999/599962752012/599962752012.pdf>. Acesso em:
11 out. 2022.

MATOS, A. K. V. Revolução verde, biotecnologia e tecnologias alternativas. **Cadernos da FUCAMP**, v. 10, n. 12, p. 1-17, 2011. Disponível em:
<https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/134>. Acesso em 02 out. 2022.

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. **Estudos avançados**, v. 15, n. 43, p. 83-100, 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ea/a/mqyB65BvYQ99XyWcY65zCvm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 maio 2022.

NOVAKOSKI, Guilherme Arruda. **A migração entre jovens da comunidade de Areião, Cândido de Abreu/PR: um estudo de caso sobre êxodo rural**. 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/4635/1/NOVAKOSKI.pdf>. Acesso em 10 out. 2022.

NUNES, R. P. et al. Extensão rural e tecnologia sustentável: utilização de biodigestor na agricultura familiar. **Diversitas Journal**, v. 3, n. 3, p. 867-876, 2018. Disponível em:
https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/687/667. Acesso em: 12 out. 2022.

OLIVEIRA, M. F.; MENDES, L.; VASCONCELOS, A. C. V. H. Desafios à permanência do jovem no meio rural: um estudo de casos em Piracicaba-SP e Uberlândia-MG. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 59, 2020. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/resr/a/rqJZYn8tbSbMnF9CgDXwbQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2022.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural partir ou ficar no campo. **Desenvolvimento em questão**, v. 12, n. 27, p. 264-297, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/752/75232113010.pdf>. Acesso em: 16 out. 2022.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RABELLO, D.; OLIVEIRA, L. B.; FELICIANO, C. A. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 15, n. 1, 2014. Disponível em:
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3032/2626>. Acesso em: 16 out. 2022.

SALERNO, L. T. O. **Reforma Agrária, Revolução Verde, Agroecologia e suas relações com o Assentamento Nova São Carlos (São Carlos/SP)**. Disponível em:
https://repositorio.usp.br/directbitstream/0e9be053-293e-43a9-8651-691b43cce0fb/Salerno_LanaTaiOliveira_tcc.pdf. Acesso em: 25 set. 2022.

SILVA, D. R.; MONTEBELLO, A. E. S.; OLIVEIRA, R. S. Tecnologia social: ampliando ferramentas para o desenvolvimento rural sustentável no semiárido. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/4775/2996>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SILVA, S. S.; ANTONIAZZI, E. A.; NOVAK, M. A. L. O Pronaf como instrumento de fixação do agricultor familiar no campo, evitando o êxodo rural. **Desenvolvimento Socioeconômico em Debate**, v. 5, n. 2, p. 66-93, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/RDSD/article/view/4545/5015>. Acesso em: 29 maio 2022.

SPANEVELLO, R. M. et al. A problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 348-372, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/9c5d/2f34707903759652f1ca0df9d844a3f69154.pdf>. Acesso em: 11 out. 2022.

TIHERRO, R. M.; DALCIN, D.; ANES, C. E. R. PERMANECER OU SAIR DO MEIO RURAL? O DILEMA DOS JOVENS GRADUANDOS DO MUNICÍPIO DE CERRO LARGO/RS. **Revista Grifos**, v. 31, n. 57, p. 01-19, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/359538206_PERMANECER_OU_SAIR_D_O_MEIO_RURAL_O_DILEMA_DOS_JOVENS_GRADUANDOS_DO_MUNICIPIO_D_E_CERRO_LARGORS Acesso em: 11 out. 2022.

TROIAN, A.; DALCIN, D.; OLIVEIRA, S. V. Jovens e a tomada de decisão entre permanecer ou sair do meio rural: um estudo de caso. **Revista de Extensão e Estudos Rurais**, v. 1, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/rever/article/view/3286>. Acesso em: 11 out. 2022.

VIERO, V. C.; SILVEIRA, A. C. M. Apropriação de tecnologias de informação e comunicação no meio rural brasileiro. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**, v. 28, n. 1, p. 257, 277, 2011. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/12042>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ZARPELON, M. C. et al. Tecnologias digitais: promovendo o desenvolvimento sustentável para o jovem do campo. **REGET Revista do Centro de Ciências Naturais e Exatas, Santa Maria**, v. 19, n. 1, p. 64-70, 2015. Disponível em: <https://www.engema.org.br/XVIENGEMA/16.pdf>. Acesso em: 29 maio 2022.